

La Comédiathèque

As Pirâmides

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

As Pirâmides

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num lugar fechado e misterioso, que poderia ser um asilo de loucos... ou o teatro do mundo, encontram-se detidos alguns párias que perderam a Fé. A Fé em Deus, mas também a crença em todos os princípios sobre os quais se baseia a nossa sociedade. E se o próprio criador deixasse de acreditar em sua criação? É urgente motivar novamente esses descrentes antes que um ceticismo contagioso provoque o colapso geral do sistema.

Personagens

Diretor

Assistente

Autor

Atriz

Dado que os personagens desta peça simbólica são arquétipos, seus gêneros são mais ou menos indiferentes. Os indicados nesta versão são apenas orientativos e podem ser alterados de acordo com as necessidades ou escolhas de distribuição de cada grupo teatral.

© La Comédiathèque

Um átrio impessoal, com um balcão de recepção no centro. Por cima, um quadro que representa um homem com uma longa barba branca, que poderia ser Deus Pai ou Pai Natal. Uma mulher, a assistente, está de pé atrás do balcão, olhando para um ecrã. Ela usa um uniforme militar. Um homem, o diretor, chega. Ele veste uma espécie de túnica. As fantasias, os cenários e o quadro não precisam ser realistas, pois a peça é mais simbólica. Todo o palco pode ser futurista e representar um local de culto, onde o balcão de recepção seria o altar. Os espectadores seriam então os fiéis reunidos para este estranho culto. A música contribuirá para criar um ambiente um pouco burlesco e fantástico.

Diretor – Busca e encontrarás... Já te digo... Procurei por todo lado e não o encontrei...

Assistente – Eu também não o vejo nas câmaras de vigilância.

Diretor – No entanto, ele realmente falta à chamada.

Assistente – Achas que ele pode ter saltado a cerca?

Diretor – A cerca? Referes-te às muralhas?

Assistente – Tens razão... Sempre nos disseram que não havia nada além das muralhas.

Diretor – Pergunto-me para que servem...

Assistente – E contra quem é suposto que nos protejam.

Diretor – Contra quem... ou contra o quê?

Assistente – Contra o quê?

Diretor – Estas muralhas são para prevenir uma invasão... ou uma fuga?

Assistente – Talvez ambos.

Diretor – Enfim, há que impor limites.

Assistente – E restrições.

Diretor – Como dizem... uma vez cruzadas as linhas, não há mais fronteiras.

Assistente – Às vezes, também me sinto presa em mim mesma, como num sepulcro, cercada por uma muralha invisível. Por dentro, sou toda-poderosa. Mas fora, não sou nada...

Diretor – Nunca tinha pensado nesses termos, mas tens razão... Estamos todos presos vivos numa pirâmide, tateando num labirinto escuro à procura de uma fenda que deixe entrar um pouco de luz.

Assistente – Cada um de nós é o deus do seu próprio mundo, e destas fendas que chamamos olhos, contemplamos a infinidade de universos mais ou menos hostis que nos rodeiam. Enquanto aguardamos a colisão acidental com outro planeta... e a fatalidade final de ser engolido por um buraco negro.

Diretor – Bem... mas isso não nos diz para onde ele foi.

Assistente – Se esta muralha é intransponível, como é possível que ele não esteja mais aqui?

Diretor – Se ele sempre esteve aqui, não poderia ter saído.

Assistente – E se ele não sempre esteve aqui, como poderia ter entrado?

Diretor – No entanto, é um facto. Falta uma peça neste gigantesco jogo de xadrez. E essa ausência pode arruinar toda a partida.

Assistente – Uma peça?

Diretor – Uma peça-chave.

Assistente – O rei.

Diretor – O grande arquiteto do universo. Aquele que desenhou os planos.

Assistente – Com um ser supremo em falta, tudo desmorona...

Diretor – Mas se ele estava aqui, já que ele construiu esta muralha!

Assistente – Ele, tens certeza?

Diretor – Ou talvez, depois de construí-la, ele tenha ficado preso do outro lado.

Assistente – Preso fora?

Diretor – Tens razão, isso parece uma loucura...

Assistente – Então, poderia haver algo do outro lado da muralha? Alguém?

Diretor – Como saber? Não há janelas nestas muralhas, supostamente para nos proteger do nada que ameaça invadir-nos.

Assistente – Nenhuma abertura. Nem mesmo uma vigia...

Diretor – Mas não, vamos... Não há nada do além. O mundo é como uma meia velha. Por mais que a voltes, só há uma maneira de meter o pé.

Assistente – Sim... mas se a meia tem um buraco, sempre pode escapar um dedo.

Diretor – Uma brecha na muralha...? Por onde o vazio poderia entrar?

Assistente – Resta saber quem teceu a meia...

Um momento.

Diretor – No final, ele vai reaparecer, como sempre.

Assistente – Até agora, sempre foi assim.

Diretor – Então, só resta esperar.

Assistente – E rezar... Mas, para quem?

Diretor – Vamos, vamos ter fé...

Não parecem muito convencidos, mas tentam convencer-se.

Assistente – Já não me lembro... Para que estava aqui, exatamente?

Diretor – Como todos os outros, não é? Uma crise de...

Assistente – Uma crise de fígado...? Nossa... Não sabia que também tratávamos desse tipo de doenças. Embora, claro, escritores sempre bebem muito, isso é conhecido.

Diretor – Ah, não, mas não uma crise de fígado... Mais para... uma crise de fé. Ele já não acreditava em nada...

Assistente – Ah, sim, claro... Espero que pelo menos não seja contagioso...

Diretor – De qualquer forma, acredita em mim, é mais fácil parar de beber do que voltar a acreditar.

Assistente – Sim, a fé é como uma linha; quando a perdes, é muito difícil recuperá-la.

Diretor – É tão verdade o que dizes. E tão bem dito. Às vezes pergunto-me de onde tiras todas essas coisas...

A assistente olha para o diretor, claramente a duvidar se deve ou não levar esta observação ao pé da letra.

Assistente – Então... ele era um interno.

Diretor – Ou um sócio, não me lembro. (*Preocupado*) Talvez um administrador. Ou mesmo o diretor...

Assistente – O diretor? Pensei que eras tu!

Diretor – Sou apenas o diretor interino.

Assistente – Ah, sim, imaginava...

Ele olha para ela por sua vez, perguntando-se o que ela quis dizer com isso.

Diretor – De qualquer forma, é o autor...

Assistente – Sim, é problemático... E, como ele é fisicamente?

Diretor – Não se sabe bem... Faz tanto tempo que ninguém o vê. Nos retratos-robô, ele tem uma barba longa.

Assistente – Os retratos-robô? Referes-te... ao grande quadro que está pendurado neste átrio, por exemplo?

Ambos contemplam o quadro.

Diretor – Agora pode ser uma barba postiça.

Assistente – Ou talvez esse quadro seja simplesmente falso.

Diretor – Um falso barbudo num quadro falso...

Assistente – Não nos ajuda muito...

Diretor – E, além disso, depois de tanto tempo, ele poderia ter cortado a barba.

Assistente – Cortado...?

Diretor – A sua barba falsa!

Assistente – Com tesouras falsas...

Diretor – Não vai ser fácil reconhecê-lo.

Assistente – Não...

Diretor – Imagina o Pai Natal sem a barba... Verdadeira ou falsa... Reconhecerias?

Assistente – Mas o Pai Natal, ele não existe, estamos de acordo?

Diretor – Estamos de acordo.

Uma pausa.

Assistente – Olhaste para o lado esquerdo e para o lado direito?

Diretor – Para o lado direito, só vi anões...

Assistente – Sabes que agora se diz pessoas de baixa estatura...

Diretor – Nesse caso, só vi... pessoas de baixa estatura de jardim.

Assistente – Referes-te a anões de jardim?

Diretor – Vou ver se está no lado esquerdo. Se não, teremos de tomar medidas mais radicais...

Sai pelo lado esquerdo. A assistente volta a concentrar-se no ecrã. Um homem, o autor, chega. Ele não tem barba. Usa calções e uma camisa com flores. Não usa sapatos. Um dos pés está descalço e o outro com uma meia com um buraco. Anda pelo átrio, parecendo desorientado. A assistente finalmente nota a presença dele.

Assistente – Senhor, posso ajudá-lo?

Autor – Já não sei que dia é... Que dia é hoje, exatamente?

Assistente – Exatamente? Hoje é domingo, senhor. Domingo, muito exatamente.

Autor – Domingo...? Tem certeza?

Assistente – Bem... Ontem também foi domingo, não foi?

Autor – Mas então, nesse caso, hoje seria...

Assistente – Saiba, senhor, que nesta nobre instituição todos os dias são domingo...

Autor – Ah, sim... (*Para si mesmo*) Deve ser um tédio danado, então.

O autor olha ao redor, desconcertado.

Assistente – Está à procura de algo? Ou de alguém...?

Autor – A verdade... já não estou muito seguro.

Assistente – Já não sabe o que procura?

Autor – Nem sequer sei quem sou! Sabe você?

Assistente – A verdade... não. Deveria?

Autor – Então, não sou alguém famoso.

Assistente – Isso, não sei...

Autor – Se eu fosse famoso, você me reconheceria, não é?

Assistente – Há pessoas famosas cujo rosto não é conhecido, sabia?

Autor – Ah, é? Quem, por exemplo?

Assistente – Não sei... Jesus Cristo, Napoleão, Jean-Pierre Martinez...

Autor – Napoleão?

Assistente – Se você encontrasse Napoleão na rua, reconheceria ele?

Autor – Provavelmente não...

Assistente – Quanto a Jesus Cristo, como foto da época, só temos o Santo Sudário. E a imagem está bastante desfocada...

Autor – Martinez, disse... Esse nome soa-me um pouco familiar.

Assistente – Talvez eu conheça o seu.

Autor – O meu...?

Assistente – O seu nome! Tem algum documento de identidade?

Autor – Não sei... Um documento de identidade? Para que serve? Para lembrar quem você é?

Assistente – E, sobretudo, para provar aos outros que tem direito a existir.

Autor – Então, se não tiver um cartão, não tem identidade? E não tem direito a existir?

Assistente (*de repente, autoritária*) – Os seus documentos, por favor.

Ele procura nos bolsos e tira um cartão de visita.

Autor – Tenho isto...

Assistente – Mostre-me... (*Ela pega o cartão que ele lhe entrega e o examina*) Isto é mais um cartão de visita...

Autor – Um cartão de visita? O que é isso agora?

Assistente – Isto serve para provar aos outros que, além de existir, você não é qualquer um.

Autor – Então, segundo você, eu seria alguém importante...

Assistente – Depende do que diz o seu cartão de visita. (*A assistente examina o cartão de visita*) Ah, sim, já vejo...

Autor – Vê o quê?

Assistente (*lendo o cartão*) – Deus... Então, é você!

Autor – Eu?

Assistente – Estávamos à sua procura por todo lado.

Autor – Ah, é?

Assistente – Deu-nos um susto, sabia? Pensávamos que tinha desaparecido para sempre...

Autor – Começa a assustar-me... Deus, tem certeza?

Assistente – Em todo caso, é o que diz no seu cartão de visita...

Autor – Em geral, são os loucos que se julgam Deus, não é?

Assistente – Espere um momento... Você se acha Deus? Ou é Deus?

Autor – Nem uma coisa nem outra, acho.

Assistente – Mas se está escrito Deus no seu cartão de visita...

Autor – Talvez seja simplesmente o meu nome.

Assistente – O seu nome?

Autor – O meu sobrenome! E é você que me confunde com Deus... Nesse caso, os verdadeiros loucos seriam vocês.

Assistente – Vá lá... Não seja tão modesto... Se este lugar fosse um manicómio, você seria o diretor, tenho certeza...

Autor – Não sei se isso é muito tranquilizador...

O diretor retorna.

Diretor – Também não há ninguém no lado esquerdo... A não ser alguns fantasmas de escritores. E tu?

Assistente – Sim, eu encontrei!

Diretor – Não? Então, é você? Estávamos a começar a ficar preocupados... Procurámos por todo lado!

Autor – Estou aqui, tranquilos... Mas, às vezes, tenho lapsos. A propósito, onde estamos, exatamente?

Diretor – Onde? Vamos lá... Não se lembra?

Autor – De quê?

Diretor – Mas, pelo menos, você se lembra de quem é?

Autor – Não.

Assistente – Mas você é um autor muito famoso!

Autor – Um autor?

Diretor – Um dramaturgo! O que estou a dizer? Um demiurgo!

Assistente – Se estamos todos aqui, é graças a você!

Diretor – E estamos todos ao seu serviço.

Autor – Famoso... Quer dizer que... as pessoas me conhecem, enquanto eu não me conheço a mim mesmo?

Assistente – Se o conhecem? Têm um verdadeiro culto por você! Ê o seu ídolo! O seu Deus!

Autor – Não me lembro de nada.

Diretor – Ninguém o esqueceu, acredite.

Autor – Bem, às vezes eu esqueço-me de mim mesmo...

Assistente (*em um aparte ao diretor*) – Não parece ter muita fé, na verdade.

Diretor – "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses", claro...

Assistente – Se Deus não se conhece a si mesmo...

Diretor – Eu disse-te... Crise de fé...

Assistente – É triste de ver.

Diretor – E, sobretudo, muito perigoso.

Assistente – Perigoso?

Diretor – Se ele escreveu esta peça...

Assistente – Que peça?

Diretor – A peça em que estamos a atuar!

Assistente – Ele? Tens a certeza?

Diretor – Para ser sincero... Já não tenho certeza de nada...

Assistente – Era o que eu temia... Deve ser contagioso...

Diretor (*para o autor*) – Não se lembra de quem ê, mas... lembra-se de alguma coisa sobre a peça, certo?

Autor – A peça...

Assistente – Não necessariamente os detalhes da trama ou todos os diálogos, mas, não sei... Pelo menos a ideia geral da história.

Autor – Há muito tempo que não tenho ideias para uma peça. Pensei em escrever as minhas memórias, mas...

Diretor – Sim, quando alguém é amnésico, escrever as suas memórias...

Autor – Acha que se poderia vender? Se diz que eu era famoso...

Assistente – Vender as tuas memórias quando perdes a tua memória...?

Diretor – Depois de tudo... alguém poderia escrever a sua autobiografia para ele.

Assistente – Estás a falar de um escritor fantasma?

Diretor – De facto, vi alguns à procura de trabalho nos bastidores...

Assistente – Uma autobiografia escrita por um escritor fantasma... Bem, por que não...?

Autor – A minha autobiografia? Admito que gostaria de lê-la.

Diretor – Quem sabe, talvez ao lê-la, recupere a memória.

Assistente – Sim... Mas encontrar um escritor fantasma para escrever a vida de um autor amnésico com a esperança de que recupere a memória...

Diretor – E que nos possa dar o texto da peça em que estamos a atuar...

Assistente – Isso pode levar um pouco de tempo...

Diretor – De facto.

Assistente – E isto... vai começar a correr mal em breve, não é?

Diretor – Achas mesmo?

Assistente – Até o público perdeu a fé... Olha!

O diretor e a assistente viram-se para o público.

Diretor – Tens razão... Eles também perderam a fé neste espetáculo.

Assistente – Até vejo um ou dois a dormir uma sesta. Como num domingo na missa.

Diretor – Por enquanto, o que estamos a perder é o autor...

Eles viram-se para o autor, ainda completamente desorientado.

Assistente – Deus... Parece mais um sem-abrigo, não é?

Diretor – Ou pior...

Assistente – Pior?

Diretor – Um estrangeiro em situação irregular.

Assistente – E não estás tão longe da verdade... Pedi-lhe os documentos, e ele só tem um cartão de visita.

Diretor – E se ele não for realmente o autor da peça, mas apenas um personagem, como nós?

Assistente – Um personagem...?

Diretor – Uma personagem de autor! Mais um impostor! Talvez seja apenas Deus nesta obra... que ninguém ainda escreveu!

Assistente – Ah, já vejo... Bem, na verdade, não muito... Tudo isto está a começar a ficar um pouco confuso...

Diretor – Vou levá-lo à memórioteca. Enquanto espera que a sua memória volte, pode sempre ler a biografia de outra pessoa, talvez o inspire.

Assistente – Pois é, porque isto começa a ser urgente...

Diretor – Venha comigo, amigo... Verá, a vida de algumas pessoas é por vezes muito mais emocionante do que a do próprio Deus...

O diretor sai com o autor.

Uma mulher, a atriz, chega e aproxima-se do balcão onde está a assistente. Está vestida de forma muito convencional e segura uma mala na mão.

Assistente – Bom dia, senhora. Não nos conhecemos, certo? É residente da nossa instituição?

Atriz – Não.

Assistente – Vejo que tem uma mala... Então deve ser para uma admissão, certo?

Atriz – Não viu o meu gato?

Assistente – Um gato? Ah, não, lamento. E aviso que aqui não são permitidos animais.

Atriz – Não gosta de gatos?

Assistente – Não disse que não gostava de gatos, disse que aqui não são permitidos animais nesta instituição.

Atriz – Sabia que no antigo Egito, os gatos eram considerados animais sagrados?

Assistente – Se você o diz...

Atriz – Protegiam a casa contra os maus espíritos.

Assistente – Não sabia. Mas é verdade que mesmo hoje em dia protegem a casa contra os ratos.

Atriz – Os gatos estavam associados a uma deusa que tinha cabeça de felino. Era a deusa do prazer e da fertilidade.

Assistente – Além disso, acontece que sou alérgica ao pelo de gato...

Atriz – Sempre desconfiei das pessoas que não gostam de animais...

Assistente – Também não gosto de velhos, mas não se preocupe, todos são bem-vindos nesta casa. Em que posso ajudá-la, minha querida senhora?

Atriz – Estou à procura do meu marido.

Assistente – Pensei que estivesse à procura do seu gato.

Atriz – Também pode chamar-me de louca, já agora...

Assistente – Não me disse que estava à procura do seu gato?

Atriz – Sim.

Assistente – E suponho que o seu marido não é um gato.

Atriz – Seria muito mais fácil, acredite.

Assistente – Mais fácil? Para quem?

Atriz – Meu marido está hospedado nesta instituição. Vim visitá-lo. Com o meu gato.

Assistente – Infelizmente, repito-lhe...

Atriz – Os gatos não são permitidos nesta instituição, eu sei, li o regulamento antes de vir. Por isso coloquei o gato na mala.

Assistente – Um gato numa mala?

Atriz – Quando cheguei aqui, abri a mala e vi que o gato tinha escapado.

Assistente – Mas, senhora, quem é o seu marido?

Atriz – Ele é um autor de teatro.

Assistente – Ah, sim?

Atriz – Ele tem tido alguns problemas de memória ultimamente. Da última vez que o vi, parecia um pouco deprimido. Diria até desiludido. Na verdade, nem sequer se lembra que está casado comigo.

Assistente – Então veio refrescar-lhe a memória, por assim dizer.

Atriz – Na verdade... nem sequer tenho a certeza.

Assistente – Não sabe se está casada com ele ou não?

Atriz – Tenho a certeza de que celebrámos o nosso casamento. Mas não me lembro se foi na igreja ou num palco.

Assistente – É verdade que as igrejas se parecem muito com os teatros... Exceto que a peça é sempre a mesma e o espetáculo não é muito emocionante.

Atriz – Sou atriz, sabe? Na minha vida, interpretei milhares de papéis. E à minha idade, tendo a não distinguir a realidade da ficção. O verdadeiro do falso...

Assistente – Entendo... Eu mesma...

Atriz (*interrompendo-a*) – Quando era jovem, claro, quase todas as peças em que atuava terminavam em casamento. Casei-me com centenas de homens ao longo da minha longa carreira. Príncipes, principalmente... Muitos militares... Alguns pastores... Três bombeiros... Dois informáticos... Um assassino em série... E até um padre!

Assistente – Ok, mas não tenho certeza se...

Atriz – Também já morri mais de uma centena de vezes.

Assistente – Morreu?

Atriz – É por isso que já não sei se esse homem é realmente o meu marido. E se realmente é o meu marido, pergunto-me se ele não é viúvo.

Assistente – Viúvo...?

A atriz abre a mala, que está vazia.

Atriz – Do que estou absolutamente certa é que o gato já não está na mala...

Assistente – Confirmo... Esta mala está tão vazia quanto o túmulo de Cristo logo antes da sua ressurreição.

O diretor regressa.

Diretor – Dei-lhe uma Bíblia para ler. Devemos ficar tranquilos por um tempo... Bom dia, senhora. Em que podemos ajudá-la?

Assistente – De facto, esta senhora acredita ser a esposa do autor.

Diretor – Caramba... Não sabia que ele era casado... Mas você disse que ela não tem a certeza... No entanto, a senhora usa uma aliança...

Atriz – Talvez seja falsa.

Diretor – Falsa?

Atriz – Um acessório de teatro!

Assistente – A senhora é uma atriz... aposentada.

Atriz – Saiba, senhorita, que uma atriz nunca está desempregada nem aposentada. Está disponível para uma nova proposta, que será o papel da sua vida.

Diretor – Tem razão, querida senhora. O importante é acreditar nisso. Caso contrário, tudo desmorona... (*Em um aparte para a assistente*) Arranja um camarim para esta maluca, para que recupere o juízo enquanto encontramos um papel para ela. Porque enquanto não tivermos o texto da peça...

Assistente – Claro, o mundo é um gigantesco casting. Os atores aglomeram-se na receção para fazer o teste. Os mais sortudos conseguirão um papel principal. Outros, secundários. Mas a maioria só fará figuração...

Diretor – Seria necessário que tivéssemos o roteiro do filme.

Assistente – Não era uma peça de teatro?

Diretor – Um filme, uma peça de teatro... Mas é uma metáfora. É uma peça simbolista, não é? Não uma comédia de enganos... Bem, eu acho...

Assistente – Querida Madalena, se for tão amável de me seguir...

Atriz – Madalena? Mas eu não me chamo Madalena!

Assistente – Aqui, vamos chamá-la de Madalena...

A assistente sai com a atriz.

Diretor – É curioso, pareceu-me ter visto um gato há pouco... No entanto, os animais são estritamente proibidos nesta instituição. (*Dirigindo-se ao público*) Sabem que no antigo Egito...? Sim, acho que já lhes disseram, certo? Por falar nisso... Se algum de vocês tem o roteiro da peça... Não...? Alguém que tenha vindo ontem, talvez...? Não, claro... Não vamos exagerar... Bem, se se lembrarem, não hesitem em me contar, está bem...? (*Para si mesmo*) Já não tínhamos um apontador e agora, se não houver autor para escrever a peça... Bem, o que estava eu a fazer mesmo...? Ah, sim, nesta parte, eu saio... Bem, eu acho... Saio... Sim, mas será que saio pelo lado esquerdo ou pelo lado direito...?

Sai.

O autor chega com um dispositivo que parece um detetor de metais. Ele varre o chão meticulosamente. A atriz chega atrás dele com um detetor semelhante e realiza o mesmo exercício com igual seriedade. O autor não parece surpreendido ao ver a atriz e a ignora. Ela também o ignora. Continuam a procurar por um tempo sem resultados aparentes, até que se encontram cara a cara.

Atriz – Ah, desculpe, não tinha visto você...

Autor – Não se preocupe.

Decidem fazer uma pausa.

Atriz – Está à procura de algo em particular?

Autor – Perdi a fé. E você?

Atriz – Perdi o meu gato.

Autor – Ah, claro...

Atriz – E você a encontrou?

Autor – A sua gata?

Atriz – A fé!

Autor – Não, infelizmente.

Atriz – Ah...

Autor – Encontrei uma meia.

Atriz – Uma meia?

Autor – Uma meia com um buraco.

Atriz – É melhor do que nada.

Autor – Se encontrar a segunda...

Atriz – A segunda?

Autor – A segunda meia!

Atriz – Ah, claro...

Uma pausa.

Autor – Já encontrou algo que valha a pena?

Atriz – Uma tesoura, há uma semana.

Autor – Ah, claro. E o que se pode fazer com uma tesoura...?

Atriz – Cortei a minha barba. E você?

Autor – Encontrei uma peça, há pouco.

Atriz – Uma peça? Quer dizer... uma peça de teatro?

Autor – Uma moeda!

Atriz – Ah, claro... Não, porque sou atriz e... agora mesmo estou à procura de um papel.

Autor – Não com um detetor de metais, imagino...

Atriz – Quem sabe... Se for um papel de oro!

Sorrisos um pouco forçados.

Autor – Então, nunca encontrou tesouras mas nunca um tesouro.

Atriz – Não. E você?

Autor – Além desta peça...

Uma pausa.

Autor – Às vezes pergunto-me se vale a pena perseverar.

Atriz – Que se há de fazer...? Não há outra opção. Tem de continuar a acreditar, senão...

Autor – Senão, teríamos a sensação de ter sido enganados ao comprar estes aparelhos.

Atriz – Tirando alguns iluminados, nenhum crente verá Deus em vida, mas ainda assim, todos esperam encontrá-lo depois da morte.

Autor – Tem razão... Tem de manter a fé.

Atriz – E quando a perdes, tens de tentar recuperá-la.

Autor – Na verdade, vou começar a procurar.

Atriz – Já olhou para o lado esquerdo?

Autor – Também para o lado direito.

Atriz – Vamos verificar de qualquer forma, por via das dúvidas...

Voltam a procurar, até que saem pelos bastidores.

A assistente volta. Espirra.

Assistente – Tenho a certeza de que há um gato por perto... Não parei de espirrar nos últimos minutos...

Sai.

O diretor volta e, ao não ver ninguém, parece hesitar.

Diretor – Ups... Acho que entrei cedo demais... Ou tarde demais... Desculpem...

Sai.

O autor e a atriz voltam.

Autor – Acho que é meu dia de sorte. Encontrei um anel.

Atriz – Deixe ver... Ah, sim... É de ouro?

Autor – Parece.

Atriz – Talvez seja uma aliança.

Autor – Uma aliança?

Atriz – Parece.

Autor – De qualquer forma, não é a sua, porque já tem uma no dedo.

Atriz – Talvez seja a sua.

Autor – Você acha?

Atriz – Você não usa aliança.

Autor – É verdade.

Uma pausa.

Atriz – Será que você é meu marido por acaso?

Autor – Por acaso?

Atriz – Nesse caso, significaria que você não é viúvo e que eu não estou morta...

Autor – Quem sabe...

Atriz – Ou que estamos mortos os dois.

Autor – Sim...

Atriz – E como se chama?

Autor – Não sei.

Atriz – Tem algum documento de identificação?

Autor – Tenho um cartão de visita.

Ele entrega-lhe o cartão.

Atriz (lendo) – Deus...

Autor – Se você for minha esposa, isso a tornaria uma deusa?

Atriz – Isso, por outro lado, não me surpreenderia muito...

Ela pega o braço dele. Ele parece um pouco surpreso. Saem de braços dados.

O diretor retorna. Ele se vira para, supostamente, ver o casal anterior sair. A assistente também chega.

Diretor – Ah, eu estava a procurar-te...

Assistente – Quem eram aqueles dois?

Diretor – Não sei, mas parece que eles sim se encontraram.

Assistente – As caras deles soam-me vagamente... Tinham um ar um pouco suspeito, não achas?

Diretor – O que te faz pensar isso?

Assistente – Tinham caras de assassinos.

Diretor – Sabes... alguns assassinos têm caras de anjos.

Assistente – Sim, mas também há assassinos com caras de assassinos...

Diretor – Prefiro pensar que não tinham o físico para esse papel.

Assistente – Claro...

Diretor – Há atores secundários que interpretam assassinos em série durante toda a vida porque têm caras de psicopatas. No entanto, estão perfeitamente sãos e nunca mataram ninguém na vida.

Assistente – Como se costuma dizer, às vezes ter cara de assassino ajuda a conseguir trabalho.

Diretor – Digamos que tinham apenas uma aparência desagradável. Quando não sabes e tens de escolher, é sempre melhor optar pela hipótese mais tranquilizadora.

Assistente – Tens razão. Já que não podemos fazer nada... Por que ver o lado ruim em tudo?

Diretor – Por isso inventámos Deus, certo? E preferimos acreditar que nosso criador tem boas intenções para connosco.

Assistente – Embora Deus bem poderia ser um perigoso psicopata.

Diretor – Ele não nos protege de nada, mas enquanto tudo correr bem, podemos sempre rezar para que continue assim.

Assistente – Agradecendo a Deus por não nos infligir todas as dores que inflige diariamente à maior parte da humanidade.

Diretor – E se por azar um dia algo cair sobre nossas cabeças, podemos sempre agradecer a Deus por não ser um bloco de cimento.

Assistente – Procuramos conforto como podemos... As crianças têm um ursinho de peluche ou um amigo imaginário.

Diretor – Desde que não o percam.

Assistente – A propósito, como está nosso autor?

Diretor – Ele terminou de ler a Bíblia. Mais ou menos, temo. Tenho a sensação de que quase caiu das mãos dele.

Assistente – É um calhamaço bem grande, na verdade.

Diretor – Dei-lhe algumas pancadas na cabeça para ver se ajuda a assimilar melhor, mas ainda assim ele não se lembra de nada. E não parece estar a inspirá-lo muito.

Assistente – Sempre achei que se Deus pudesse ler a Bíblia, provavelmente acharia muito aborrecido...

Diretor – Em todo caso, não lhe devolveu a fé...

Assistente – E quando Deus já não acredita em si mesmo...

Diretor – Quando o criador já não acredita na sua criação...

Assistente – Quando o autor perdeu a inspiração...

Diretor – Quando os atores não têm o guião da peça...

Assistente – Quando os espectadores começam a olhar para o relógio.

Diretor – E alguns até começam a adormecer.

Assistente – Estamos à beira do abismo.

Diretor – Não está todo o nosso mundo sustentado pela crença?

Assistente – Pense no dinheiro. Vais a uma loja, enches o carrinho e, ao sair, entregas alguns pedaços de papel que supostamente valem tanto quanto tudo o que pegaste.

Diretor – Isso é o que se chama de moeda fiduciária.

Assistente – Porque o seu valor baseia-se na fé.

Diretor – A certeza, para quem recebe essas notas em troca dos seus produtos, de que poderá trocá-las por outros objetos de igual valor.

Assistente – O crescimento económico também é gerado pela confiança.

Diretor – Compramos porque esperamos obter um aumento de salário do nosso chefe, e conseguimos esse aumento porque a máquina económica é impulsionada pelas nossas compras, pelo facto de o desemprego estar em mínimos e pela escassez de mão de obra.

Assistente – Isso é o que se chama profecias auto-realizáveis.

Diretor – O mesmo acontece na Bolsa. Compramos ações porque pensamos que o preço vai subir... E, porque as compramos, fazemos subir os preços.

Assistente – Ou seja, quando as pessoas ficam desanimadas, o crescimento e a Bolsa ressentem-se.

Diretor – Assim como a taxa de natalidade.

Assistente – Todo o sistema baseia-se na fé.

Diretor – Basta que alguém, em algum momento, deixe de acreditar para quebrar a cadeia e todo o sistema colapsar.

Assistente – Com o casamento é o mesmo.

Diretor – É um contrato de confiança.

Assistente – Trocas os teus votos diante de duas testemunhas.

Diretor – Dizes um simples "sim".

Assistente – E já estás condenado à monogamia para o resto da tua vida.

Diretor – Mas homens e mulheres são como meias. Não é fácil mantê-los aos pares depois de várias lavagens.

Assistente – No entanto, mantemos sempre a esperança de que a meia que se perdeu aparecerá um dia.

Diretor – Mantemos a fé. Continuamos a fazer a máquina girar com meias desparelhadas.

Assistente – Até o dia em que decidimos usar meias desiguais.

Diretor – Para finalmente comprar outro par de meias... com a esperança de que, desta vez, permaneçam juntas para o resto da vida.

Assistente – A vida é uma peça de teatro. Se uma das personagens deixa de acreditar e se recusa a desempenhar o seu papel...

Diretor – Se o diretor denuncia o absurdo da peça.

Assistente – Pior ainda, se o próprio autor perdeu a fé.

Diretor – Ao ponto de ter esquecido de escrever o guião.

Assistente – Tudo desmorona.

Diretor – As suas personagens começam a vaguear como almas perdidas... e o público deixa de acreditar.

Assistente – A prova da existência do autor são as suas obras.

Diretor – Como a prova da existência do Pai Natal são os presentes que nos traz.

Assistente – Enquanto todos acreditarem, está tudo bem...

Diretor – Mas Deus não nos dá presentes.

Assistente – Em todo caso, não para todos.

Diretor – Deus é o Pai Natal sem presentes. Mesmo assim, continuamos a venerá-lo com medo de que ele venha confiscar os poucos presentes que recebemos indevidamente de um Pai Natal que não existe.

Assistente – Mas se as pessoas perdem a fé...

Diretor – E se um dia o Messias voltasse à Terra para nos anunciar que Deus Pai não existe.

Assistente – Que ele próprio está deprimido, que já não acredita em nada...

Diretor – E nem sequer tem certeza de quem realmente é.

Assistente – Exceto, talvez, por ser filho de um dos Três Reis Magos.

Diretor – Sem saber exatamente de qual.

Assistente – Seria o fim do mundo...

O autor chega de calções, com meias rasgadas e desparelhadas. Eles olham-no fixamente.

Autor – O quê? O que se passa...?

Diretor (*para a assistente*) – Não podemos mais tolerar isso.

Assistente – É óbvio.

Diretor – Vai buscar o aparelho!

Assistente – Já vou...

Ela sai.

Diretor – Deita-te aí, amigo...

Autor – Mas não estou doente, garanto-vos... Estou muito bem. Acabei de encontrar a minha esposa...

Diretor – Vai correr tudo bem, vais ver...

O autor, preocupado, deita-se no balcão. A assistente retorna com um dos dois detectores de metais, que entrega ao diretor. O diretor passa o detector sobre o corpo do autor deitado, começando pelos pés.

Assistente – E então, o que dá?

Diretor – Já posso dizer que as suas meias são desiguais...

Assistente – Isso não é um bom sinal... E depois?

O diretor passa o detector na mão do autor.

Diretor – E ele tem um anel na mão esquerda.

Assistente – Ele acabou de nos dizer que encontrou a esposa.

Diretor – Achas que está a mentir?

Assistente – Mesmo que agora se lembre de que é casado, isso não significa que ele tenha recuperado a fé na instituição do casamento.

O diretor passa o detector na cabeça do autor.

Diretor – E este aparelho, apesar de ser muito sensível, não detecta nenhum sinal de valor moral ou verdade eterna neste cérebro doente.

Assistente – Ao mesmo tempo, o trabalho de um autor é inventar histórias...

Diretor – Difícil separar a verdade da mentira num cérebro assim...

Assistente – O que ele inventou pode ser o mais verdadeiro de tudo o que ele tem na cabeça...

Diretor – Ah, acho que ouvi um apito...

Assistente (*para o autor*) – Abra a boca... (*Ele abre a boca, e ela inclina-se para ver*)
É um dente de ouro...

Diretor – Pode fechar a boca, amigo.

A assistente salta para trás, tapando o nariz.

Assistente – Poderias ter-me avisado! Quase me cortava o nariz...

Diretor – Desculpa, eu...

Assistente – O que fazemos com isto?

Diretor – Não nos resta outra opção... Precisamos neutralizar este elemento subversivo, que pisa todos os nossos valores e desmoraliza os residentes desta nobre instituição.

Assistente – Achas mesmo?

Diretor – Não te mexas daqui, amigo...

O diretor e a assistente saem. O autor levanta-se.

Autor (*para o público*) – Pelo que parece, eu seria o autor. Podem acreditar? Bom, o autor... A personagem do autor, na peça. Porque o autor, o verdadeiro... Vocês entendem que ele não está aqui. Será que ele sequer existe? De qualquer forma, ninguém nunca o viu por aqui. Então, escolheram-me para o papel. Mas eu não conheço esta peça! Deveria dar alguma direção para esta história sem pé nem cabeça. Deveria soprar as falas para os outros. E como não consigo fazer isso... Reprocham-me! Ei, eu não pedi nada! Por que, entre todos os homens, escolheram-me para ser Deus? Deus não existe! Bom, sim, mas... fomos nós que o inventámos. Para nos consolarmos. Para dar algum sentido a este absurdo. E não é uma tarefa fácil... Porque, na verdade, o Homem continua preso neste invólucro de carne que é o seu refúgio e a sua prisão. Só pode vislumbrar o Universo através das frestas deste sarcófago espaço-temporal, enterrado no fundo de um labirinto dentro de uma pirâmide sem aberturas. Esta visão limitada do mundo levou-o a imaginar religiões à sua medida, colocando a pergunta ingénuas sobre a origem, o princípio, uma criação ex nihilo, um criador e, portanto, um deus. Na busca por uma resposta simples para um problema que o supera, o Homem prefere ficar com a única pergunta que pode conceber, mas que não faz sentido – quem

criou o que sempre esteve lá? – antes de aceitar claramente que a parte nunca poderá compreender o todo. O Homem quer explicar a origem e o propósito do Universo com base nas suas próprias limitações, do início e do fim da sua existência individual, esquecendo que a vida e a morte, em geral, se sucedem num ciclo perpétuo. Se a eternidade não tem fim, como pode ter começo? Se nada se cria e tudo se transforma, como pode o todo vir do nada? Na tentativa ilusória de compreender o mundo, o Homem redesenha-o à sua imagem. Mas o Homem nunca compreenderá o mundo. É o mundo que o compreende. Deus não criou o Universo. O Homem criou este mito para dar sentido à sua vida. Ele agarra-se a isso como um náufrago a uma tábua de salvação. Mas quando a criação se afunda no oceano do sem sentido, o criador afoga-se com ela.

A atriz chega, ainda com a sua mala.

Atriz – Jesus! És tu?

Autor – Jesus?

Atriz – Quando nos conhecemos, chamavas-te Jesus, não te lembras?

Autor – Não.

Atriz – Acabei de me lembrar. Preciso dizer que naquela época, tinhas barba, assim como eu...

Autor – De qualquer forma, tens de me ajudar. Acho que essas pessoas querem tentar contra a minha vida...

Atriz – Ajudar-te? Mas como?

Autor – Tirando-me daqui o mais rápido possível!

Atriz – Infelizmente, uma vez que se entra aqui, nunca se sai. Ou então só se sai de pés juntos.

Autor – Mas, onde é que estamos exatamente?

Atriz – As opiniões variam um pouco a esse respeito. Mas a maioria das pessoas sensatas concorda que é um manicómio.

Autor – E tu também és residente?

Atriz – Por agora, estou apenas de visita.

Autor – Deve haver alguma maneira de escapar...

Atriz – Infelizmente, eles têm olhos por todo o lado. Para além da minha mala, não vejo outro lugar...

O autor olha para a mala.

Autor – Para entrar aí, teria de ser contorcionista...

Atriz – Ou ser um gato. Na verdade, no antigo Egito...

Autor – Sim, eu sei, supostamente fui eu quem escreveu a peça... Mas aí vêm eles, não podemos ficar aqui, Madalena...

Ela sai.

O diretor, ainda com batina, e a assistente, com uniforme militar e uma ligadura no nariz, regressam com semblante grave.

Diretor – Infelizmente, após uma longa deliberação...

Autor – Eles saíram há apenas cinco minutos!

Assistente – Decidimos que não podemos permitir que semeie a dúvida nas mentes dos fiéis da nossa santa congregação.

Diretor – Porque se apenas a fé salva, então a dúvida pode atirar todos nós para o abismo do sem sentido, à beira do qual nos esforçamos por sobreviver agarrando-nos a algumas certezas elementares.

Assistente – Como o valor do trabalho e do dinheiro.

Diretor – A taxa de crescimento e o índice Nasdaq.

Assistente – A confiança do consumidor e o casamento monógamo.

Diretor – A moral das tropas e as fronteiras reconhecidas pela ONU.

Assistente – Todos esses valores que você pisa sem vergonha...

Diretor – Quando tínhamos tão grandes esperanças em ti.

Assistente – Seja como for, precisamos de um bode expiatório, e o seu destino está selado.

Autor – O meu destino?

Diretor – Emitimos o nosso veredicto, com execução imediata. Deve aceitar o sacrifício supremo.

Assistente – Mas também não somos monstros. Vamos organizar uma pequena cerimónia para ter um pouco mais de estilo.

Diretor – E depois da sua morte, honraremos a sua memória todos os domingos, prometemos.

Assistente – Todos os domingos, quer dizer, todos os dias. Porque aqui, todos os dias são domingo.

Diretor – Diria até que todos os dias são Natal.

Assistente – Vamos erguer-lhe uma estátua. Organizaremos peregrinações.

Diretor – Até poderá fazer algum milagre de vez em quando, se lhe apetecer.

Assistente – E, claro, tem direito a confessar-se antes de entregar a sua alma a... Ao seu sucessor.

O diretor fica de um lado do balcão e o autor do outro. A assistente sai depois de bater os calcanhares.

Diretor – É hora de confessar os seus pecados e expiar as suas faltas. Estou a ouvir. Vai sentir-se aliviado, vai ver.

Autor – O ceticismo consome-me, admito.

Diretor – A mim também me acontece às vezes, sabe? Mas eu não sou Deus... E não dizem que a fé move montanhas?

Autor – A fé move montanhas... mas substituí-as por pirâmides.

Diretor – Pirâmides? Só conheço as do Egito, e a Esfinge que as guarda. A esfinge, sabe? Esse grande felino que perdeu o nariz. Por falar nisso, quase lhe cortou o nariz à minha assistente antes...

Autor – Refiro-me a esse sistema piramidal que os maiores vigaristas financeiros usam para despojar as suas vítimas. O vigarista promete retornos deslumbrantes e embolsa o dinheiro dos investidores mais ingénuos, pagando os juros dos primeiros depositantes com os fundos dos novos investidores.

Diretor – E... funciona?

Autor – Na perfeição! Desde que todos acreditem nele e o número de investidores aumente exponencialmente. Basicamente, desde que a pirâmide alargue a sua base suficientemente rápido para satisfazer os interesses dos que estão no topo. O sistema colapsa quando se instala a dúvida e não entram mais fundos novos suficientes.

Diretor – E então a pirâmide desmorona...

Autor – A religião baseia-se no mesmo princípio, mas como ninguém nunca voltará do além para dizer que o paraíso e o inferno só existem na Terra, e que não há mais Deus no Céu do que aqui embaixo, enquanto houver pessoas que acreditam nisso, a fraude persiste indefinidamente. E os vigaristas nunca são descobertos.

Diretor – Está a comparar o nosso Papa a um vigarista?

Autor – Ele é o maior vigarista de todos os tempos! Veja todas as riquezas acumuladas no Vaticano...

Diretor – Então, por que é que as pessoas continuam a acreditar em Deus?

Autor – Multimilionários formados nas melhores universidades confiam a sua fortuna a um vigarista que lhes promete rendimentos milagrosos, com a esperança de amealhar mais alguns milhões de que não precisam. Como é que os deserdados da Terra não iriam querer acreditar nas histórias daqueles que lhes prometem o paraíso depois da morte para os dissuadir de exigir aqui na Terra o mínimo para viver? Porque, claro, muitos exploradores têm interesse em perpetuar este sistema porque beneficiam dele.

Diretor – Mas isso é monstruoso...

Autor – Não podia estar mais certo... Quando se cria um monstro, ele acaba sempre por escapar ao seu criador e devorar tudo à sua volta... até mesmo aqueles que o criaram. Em algum momento, o sistema funciona por si mesmo, impõe-se a todos e leva todo o planeta à sua ruína.

Diretor – Mas como parar esta máquina infernal...?

Autor – Colocar tudo em dúvida já é um ato de rebelião saudável. Para que amanhã as pirâmides nos sirvam de trampolins para as estrelas em vez de túmulos sem janelas.

A assistente chega.

Assistente – Já confessou?

Diretor – Bem, é que... O ceticismo também me consome...

Assistente – Vejo que ele já o contagiou... Vamos aplicar a sentença sem demora, antes que o desânimo se apodere de todos nós!

Autor – E por que razão estou condenado?

Assistente – Por ateísmo!

Autor – Mas dizem que eu sou Deus...

Assistente – Isso é o que agrava a sua situação.

Diretor – Ele já não acredita em si mesmo!

Assistente – Depositeamos o nosso destino nas suas mãos e ele voltou a trair a nossa confiança.

Diretor – E, para além disso, é verdade que, por outro lado... a primeira religião do mundo baseia-se num deicídio, não é verdade?

Assistente – Inventámos os deuses para preencher esse vazio que nos rodeia para além dos nossos muros internos. Na esperança de vislumbrar algo nos interstícios... E agora diz-nos que não há nada além do reverso da moeda?

Diretor – Que Deus joga cara ou coroa?

Assistente – Que o universo se autogerou num ciclo sem fim e sem propósito, apontando apenas para a realização da infinitude dos possíveis?

Diretor – O melhor dos mundos como o pior...

Autor – De fato, os deuses e os autores realizam-se explorando todas as suas potencialidades.

Assistente – Por isso, quando ficam sem imaginação, devem desaparecer para dar lugar a outros que possam explorar outras realidades.

Diretor – Então, aqui está! É por uma boa causa! Reconheça pelo menos que já estava no fim da linha, não?

Assistente – Volte para a sua cela agora. Tome, aqui está a chave. E não se esqueça de fechar a porta atrás de si.

O autor sai.

Diretor – Não tens medo que ele fuja?

Assistente – Para onde é que ele iria?

Diretor – É verdade...

Assistente – Vamos executá-lo amanhã de manhã ao amanhecer.

Diretor – Por que não agora?

Assistente – Não sei. As execuções são sempre ao amanhecer, não são?

Diretor – Tens razão... É melhor seguir a tradição. Que dia é amanhã?

Assistente – Domingo.

Diretor – Domingo é tão aborrecido... Uma pequena execução vai animar um pouco os nossos internos.

Assistente – Nesse caso, vamos descansar um pouco. Amanhã teremos de encontrar um substituto.

Diretor – E por que não um gato?

Assistente – Um gato?

Diretor – Sabes que no antigo Egito os gatos eram considerados animais sagrados?

Assistente – Os próprios faraós veneravam uma deusa com cabeça de felino.

Diretor – E pelo menos os gatos já estão convencidos de serem deuses.

Assistente – Ao contrário deste autor degenerado que começa a duvidar de si mesmo.

Diretor – Conheces esta piada? Um cão e um gato apresentam-se a São Pedro para entrar no paraíso. O cão confessa os seus pecados, jura que está arrependido e suplica por perdão. São Pedro vira-se para o gato para permitir que ele apresente o seu caso. O gato olha para São Pedro, sentado no seu trono, e diz com arrogância – "Estás sentado no meu lugar".

Assistente – É verdade que os felinos têm uma certa predisposição para a divindade...

Diretor – O leão é o rei da selva. Embora viva na savana...

Assistente – Infelizmente, sou alérgica ao pelo de gato.

Diretor – Vamos escolher um gato sem pelo.

Assistente – Um gato sem pelo?

Diretor – Chama-se sphynx. Eles são originários do México.

Assistente – O que nos leva de volta às pirâmides... e ao grande gato a quem cortaram o nariz.

A atriz volta com uma máscara de gato. Traz a sua mala.

Atriz – O gato está morto... Mas ressuscitou...

Eles olham para ela, perplexos.

Atriz (*em um aparte para a mala*) – Estás bem aí dentro?

Diretor – Está bem, então será um gato...

A atriz sai. Eles saem atrás dela. Uma pausa. A atriz volta com a sua mala.

Atriz – Eu disse-te. Uma vez que entras, nunca mais saís.

Coloca a mala no chão e tira uma toalha de mesa que coloca sobre o balcão transformado em altar. A parte visível da toalha mostra um Olho de Hórus. Ela tira da mala uma estatueta egípcia de um gato divinizado e coloca-a sobre a toalha no centro do altar. Vira o quadro que agora a representa a si mesma com a máscara de gato, tendo como pano de fundo pirâmides. Sai com a mala. O diretor e a assistente, vestidos como faraó e faraona, voltam e colocam-se de cada lado do balcão. Viram-se para o público.

Diretor – Vamos lá, acreditemos!

Assistente – Mantenhamos a fé!

Eles ajoelham-se com as mãos juntas numa atitude de recolhimento. Música sacra. Miores de gatos.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Abril de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-190-9

Documento para download gratuito